

***Bullying:* ato esburacado na angústia**

MARIA DE LOURDES S. ORNELLAS*

Resumo: A noção de afeto está no campo do (des)prazer, resultante de uma experiência afetiva de satisfação ou insatisfação, e que se manifesta nas necessidades do sujeito. Pode-se dizer que o afeto envolve a ambivalência de sentimentos, do mais agradável ao mais insuportável, e desempenha um papel estruturante para que o sujeito reencontre sua estrutura psíquica, exercendo uma ação mediadora e decisiva sobre a constituição do sujeito do desejo, orientando o seu projeto de vida, sua profissão, sua opção sexual, etc. Essa ambivalência de afetos deve ser exercitada na educação familiar e escolar, na fala e na escuta que o afeto (des)prazeroso tem relevância e parece ser silenciado. O desprazer pode ser escandido pelos sintomas medo, depressão, irritabilidade, ansiedade, humilhação. Assim posto o *bullying* é também conhecido como a síndrome da humilhação. O objetivo da humilhação é a tentativa de destruição do sujeito; a perda da identificação revela um fantasma, na medida em que própria vítima se sente culpada por sofrer ou por estar sofrendo um ato esburacado porque uma das peças não é encontrada e, em lugar do encaixe, o que se mostra é um buraco, o que provoca a angústia entre quem perde e aquele que ganha.

Palavras-chave: *Bullying*; Angústia; (Des)prazer; Humilhação.

Abstract: The notion of affect is thus in the field of (dis) pleasure, resulting from an affective experience of satisfaction or dissatisfaction, and that manifests itself on the needs of the subject. You could say that the affection involves the ambivalence of feelings, the more enjoyable the more unbearable, and plays a structural role for the subject to rediscover his psychic structure, exerting a mediator and decisive action on the constitution of the subject of desire, directing the its design life, your profession, your sexual orientation, etc.. This ambivalence of feelings should be exercised in family education and school, talking and listening that affect (dis) pleasure is relevant and appears to be silenced. The unpleasant symptoms can be by fear, depression, irritability, anxiety, humiliation. So put the bullying is also known as the syndrome of humiliation. The purpose of humiliation is the attempted destruction of the subject, the loss of identification reveals a ghost, to the extent that the victim himself feels guilty for suffering or for an act to be suffering because of the bumpy parts and is not found, instead of plug, which is shown is a hole, which causes the distress of which he loses and who wins.

Key words: *Bullying*; Trouble; (Dis)pleasure; Humiliation.



* **MARIA DE LOURDES S. ORNELLAS** é Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. E-mail: ornellas1@terra.com.br

Eu não gosto do bom gosto
 Eu não gosto do bom senso
 Eu não gosto dos bons modos
 Não gosto
 (...)
 Eu não gosto de maus tratos
 (...)
 Eu gosto dos que tem fome
 Dos que morrem de vontade
 Dos que secam de desejo
 Dos que ardem¹.

Bullying: de que lugar falam desse ato?

O conceito de *bullying* é encontrado na literatura anglo saxônica, e este significante revela atos agressivos, enquanto na literatura brasileira é definido como um conjunto de atos agressivos, as quais se repetem, e parece ter uma intenção aplicada a alunos, o que causa dor e angústia. O par *bullying*-agressividade se desdobra em atos de constrangimentos, insultos, acusações levianas e hostilidades, tendo como consequência dor física, psíquica e moral, o que provoca um buraco na angústia, fruto de que o sujeito se torna nada, objeto excluído, mercadoria que não goza, posto que não tem preço.

É um processo exógeno e endógeno. O dentro e o fora se expressam como se fosse uma banda ou fita de Moebius. Observa-se nessa fita que dentro e fora se subvertem e passam a ser uma continuidade. Essa analogia me faz pensar no processo exógeno e endógeno do ato *bullying*, em que o pensar e o sentir se mostram amalgamados.

Parece que, no fenômeno do *bullying*, uma das peças torna-se difícil de ser encontrada em diversas situações e, em lugar do encaixe, o que se mostra é um buraco, o que provoca a angústia² entre

quem perde e aquele que ganha. Sabe-se o quanto o fenômeno *bullying* tem consequências psicológicas. Os profissionais da área de saúde, pedagogia e psicologia escolar vêm estudando o fenômeno. Uma autora contribui nesse dizer:

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos asilos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim onde existem relações interpessoais (FANTE, 2005. p. 1).

A autora sustenta que o conceito é tão bem especificado por possuir traços marcantes, a exemplo de traumas psíquicos, e não ocorre apenas na escola, mas em diversas instituições em que a relação com o outro se processa. Pesquisadores desse fenômeno demonstram que, no contexto escolar, observam-se algumas modalidades de atos, e estas ocupam esse lugar: *vítima típica* (esta serve de bode expiatório para um determinado grupo) *vítima provocadora* (esta provoca reações e não sabe como manejar) *vítima agressora* (reproduz a dor sofrida por ela mesmo). Os resultados das pesquisas revelam que as causas se devem ao afeto³.

¹ *Senhas* (Adriana Calcanhoto).

² Para Freud, a angústia é um estado de afeto provocado por um acréscimo de excitação que tenderia ao alívio por uma ação de descarga. Lacan vai dizer que é para inteirar esse lugar

faltoso, por um sinal que chamamos de sua própria castração, que o sujeito é convocado (KAUFMANN, 1996. p. 36 e 41).

³ O afeto, neste estudo, é teorizado tomando-se como referência Freud (1911) e Lacan (1957).

Tradicionalmente, na educação e na cultura, o afeto tem sido compreendido como algo que está somente no campo do prazer. Esse imaginário do afeto como hedonista, mascara o cotidiano, em que as relações marcadas pelo sujeito também são movidas pela tristeza, violência, conflitos familiares. Ou seja, os afetos estão, também, no campo do desprazer. O afeto está imbricado com o pensamento e a linguagem, e devemos, por isso, lembrar que há saber no discurso e que os humores não são conduzidos por automatismos, mas pelo modo como pensamos inconscientemente. O afeto depende de uma mecânica da representação. Ele é imbricado no inconsciente do mesmo modo que a interpretação dada pelo sujeito ao desejo do Outro.

Nesse estudo, o conceito de afeto é tomado de Laplanche e Pontalis (2001, p. 9):

[...] Qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.

A noção de afeto está, assim, no campo do (des)prazer, resultante de uma experiência afetiva de satisfação ou insatisfação, e que se manifesta nas necessidades do sujeito. Pode-se dizer que o afeto envolve a ambivalência de sentimentos, do mais agradável ao mais insuportável, e desempenha um papel estruturante para que o sujeito reencontre sua estrutura psíquica, exercendo uma ação mediadora e decisiva sobre a constituição do sujeito do desejo, orientando o seu projeto de vida, sua profissão, sua opção sexual e suas decisões sobre a sociedade que deseja edificar. Essa ambivalência de afetos deve ser exercitada na educação familiar e escolar, na fala e na escuta

que o afeto (des)prazeroso tem relevância e parece ser silenciado. O desprazer pode ser escandido pelos sintomas de angústia, depressão, irritabilidade, ansiedade, humilhação.

O *bullying* é também conhecido como a síndrome da humilhação. O objetivo da humilhação é a tentativa de destruição do sujeito; a perda da identificação revela um fantasma, na medida em que própria vítima se sente culpada por sofrer ou por estar sofrendo tamanha dor metamorfósica.

Bullying: uma fala investida libidinalmente

O provocador da dor e da angústia, par que tem cheiro de morbidez, se aproxima de uma posição subjetiva, cujo investimento é agenciar uma modalidade de conduta ao outro, no qual a dor da angústia cava um buraco psíquico em que perdas, danos e faltas fazem furos na sua condição de sujeito, e se transformam em objeto não de consumo, tampouco descartável, mas de objeto depositário de sequelas sofridas na relação parental e/ou no *locus* escolar e de seus avatares. Sinto-me inclinada a dizer que a especificidade da estrutura daquele que faz dor e angústia é um sujeito que parece ter uma determinação pela economia do seu desejo, quando o seu falo é o significante da falta. Nesse lugar, Lacan acrescenta:

O sujeito parte de uma posição onde ele é identificado ao falo da mãe, para uma outra, onde ele, tendo renunciado a esta identificação pela identificação, pela aceitação da castração simbólica, tende a identificar-se seja àquele que é suposto ter o falo, seja àquela que é suposta não o ter. Esta operação se atualiza graças a um processo de simbolização inaugural (1964, p.45).

Os desatinos do desejo, em seu enlace com o falo⁴, se mostram particularmente em pré-disposição na trama de um sujeito que tem uma estrutura. É possível indagar se o provocador da dor e da angústia não se fecha na representação de uma falta que não é simbolizada, que o deixa sentenciado a uma negação psíquica que não para de não se inscrever.

O provocador promove o apagamento do direito ao desejo e, por essa assertiva, na Lei que ordena, impõe, reina a supremacia da sua vontade; esta é a Lei imperativa, a qual comanda o seu desejo e nega a Lei do desejo do outro. Observa-se, nesse sujeito, a busca de um gozo liberto, e é por essa constatação que ele não vê outra alternativa a não ser colocar em vigor a Lei por ele inscrita, o que seduz sua transgressão que porta grife na dor e na angústia.

Vale, aqui, recordar que Freud pensou *das Ding*, no seu texto *Projeto de uma Psicologia* (1895), e Lacan, vendo a fundância desse construto, o destacou em 1997 (p.127-8). Freud (1895), no *Projeto de uma Psicologia*, disse que a manutenção do princípio de prazer poderia funcionar como um tributo à possibilidade de alucinação, ou seja, uma maneira inusitada de funcionamento do prazer na constituição do sujeito e, assim colocado, *das Ding* passa a ser chamada “a coisa”. Isso significa ser um meio de reprodução do prazer. Trata-se de reproduzir o estado inicial, de reencontrar *das Ding*. A representação da “coisa” pode ser representada pelas representações sinestésicas, visuais, táteis etc.; *das Ding* não é uma representação hermética, tem possibilidades de aberturas.

⁴ É aberta a opção de que o falo, isto é, a imagem do pênis, negativa do em seu lugar na imagem especular. Isso é o que predestina o falo a dar corpo ao gozo na dialética do desejo.

Lacan (1997, p. 198), ao ler *das Ding* no *Projeto*, identificou que necessitava encontrar pontos hiantes e diz: “há um lugar, o inconsciente, em que se enuncia uma verdade que tem a propriedade de nada podermos saber dela”. Nesse sentido, parece que o princípio de realidade não tem a função de regular o princípio de prazer, mas é o que se torna constitutivo. Com vistas a avançar nesse entendimento, Lacan nos convida a ter um olhar epistêmico sobre o objeto em questão: “O prazer não se articula na economia humana senão numa relação com esse ponto, certamente deixado vazio, enigmático, mas que apresenta uma certa relação com o que é para o homem a realidade” (1997, p.54).

Por esse enunciado, *das Ding* é uma estrutura constante, presentificada na estrutura do desejo e da percepção, mas não se pode afirmar que *das Ding* soluto se filia a um ou outro. Segundo Lacan (1997, p.69), “o objeto que se deseja reencontrar é *das Ding*, como Outro absoluto”. O dilema é que esse objeto é desde o princípio perdido, o sujeito insiste em reaver o que já não é mais reencontrado.

Falar de *das Ding* “coisa” é falar da transferência que se constitui consigo mesmo e com o outro. Assim posto, em se tratando de *bullying* e de identificação, uma pergunta se impõe: sou eu ou o outro? O ato de agressão precisa encontrar um escoadouro e parece que entender o mal-estar na cultura – no sentido de que a pulsão de morte possa ser reconstituída libidinalmente e que *das Ding*, enquanto “coisa”, anuncie que está no lugar do inconsciente –, se fala de uma pseudo verdade que tem o poder de nada; mas pode-se saber algo sobre ela. No entanto, insisto que é possível se aproximar dessa “coisa” simbólica do bem-me-quer ao tempo em que se enamora do imaginário e se dirige para a cama com o real.

A escola, o professor e o aluno

A fala de Ornellas instiga qualquer autor a comparecer ao debate, quando traz a escuta como conceito fundante desse debate:

Uma fala crítica no interior da escola é uma atitude que precisa ser desenvolvida, em que o professor e o aluno refaçam sentidos e permitam uma nova fala, uma nova escuta, para que o sabor da relação constitua-se, e o saber seja uma tarefa que se possa ensinar e aprender (2006, p. 237).

Uma escuta de sabor de relação e saber de aprendizagem são atitudes que podem ser articuladas na relação professor-aluno. Estes estão movidos pela falta de atitudes sociais e afetivas, se distanciam da sala de aula, que se encontra vazia de alunos; uma pequena parcela encontra-se dentro e uma parcela representativa está no pátio da escola, na relação com o outro, constituindo, assim, um grande local de encontro, em que os discursos versam sobre redes sociais, drogas, ficar e, volta e meia, falam da sociedade de consumo. Este consumo, como nos fala Debort (1997), encontra-se numa relação simbiótica com o espetáculo.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou a vida social. O espetáculo tem similaridade com a Guerra do Ópio para fazer com que se aceite identificar bens e mercadorias e conseguir que a satisfação com a sobrevivência se eleve de acordo com as leis do próprio espetáculo. Professor e aluno encontram-se siderados pelo espetáculo, visto pelo autor como um fenômeno de alienação similar ao circo, em que o estímulo-resposta R-S move as atrações.

Escola, professor e aluno experimentam um vazio quando se defrontam com um presente logrado pelo tempo, onde se acreditava na completude dos contos de fadas e num final feliz. Desfazer-se

dessa completude é esbarrar num objeto o qual venha preencher seu buraco: a isto Freud chamou de castração. A falta desse objeto perdido desemboca no desejo de sofrer, como uma modalidade de gozar, que parece ser a prática do *bullying*.

No texto *A psicologia escolar*, Freud (1914) escreve de maneira singular a importância fundante da relação professor-aluno e acrescenta que essa relação vai além da transmissão do conhecimento. Nota-se que, nessa contemporaneidade, a relação transferencial que ali se delineia está fragilizada e despida de afetos manifestos e latentes. Em 1912, Freud revela que a transferência envolve protótipos das figuras maternas e paternas. Lacan traz, em sua leitura sobre transferência, um fato inédito, quando diz que, neste fenômeno, há o (SsS)⁵.

No processo de ser professor, pergunto: não seria importante o professor, na sala de aula, fazer semblante para sustentar o desejo de saber do aluno? O dizer de uma pesquisadora contribui para o esclarecimento dessa questão educativa:

A posição em que o professor se encontra não é um lugar fácil de se sustentar, até mesmo porque é o desejo inconsciente do aluno que vai determinando o lugar conferido ao professor. Em decorrência disso, a autoridade da escola não é imposta pelo professor, e sim, outorgada ao professor pelo próprio aluno. É o aluno que reconhece e autoriza a palavra do professor como um “lugar de saber”, desde que este lugar seja reconhecido socialmente (KUPFER, 2002. p. 139).

⁵ Para Lacan, o Sujeito suposto saber está ligado ao fenômeno da transferência na clínica. Kupfer (2002) formula uma relação dessa transferência para a sala de aula, onde o professor assume o lugar de sujeito suposto saber.

A autora corrobora, na sua citação, que o professor deve trazer para a sala de aula o seu saber, ainda que não sabido, revelando, assim, que tem autoria no seu saber e no seu conhecimento, e absorção suficiente para fazer com que o aluno encontre seu desejo de aprender e busque um lugar e uma posição, principiando pelo quadrante da sala de aula.

Por outro lado, na contemporaneidade que se instaura entre professor e aluno, o desprestígio do professor é um fato aparente e escondido e revela que a educação encontra-se em pedaços nesses espaços. É possível pensar que estes pedaços em que o professor se alienou mostrem os buracos da angústia dele próprio e do aluno, e, assim, surge a violência com nome de *bullying*, na tentativa de expressar e fazer sofrer o provocador e o outro num processo de repetição. A depender de como a escola possa emendar esses pedaços, algo de novo pode surgir do ato em que escola, aluno e professor construam, com esses pedaços esburacados, uma tela em que a tríade (professor, aluno, escola) possa ser pintada com cheiro de tintas frescas; tenta-se assim que o *significante bullying* esboce a imagem e representação do seu avesso, o intramuros do *lócus* escolar constitua espaços de estudos e debates sobre o fenômeno, e a tela seja assinada com a inscrição simbólica do desejo.

Considerações finais

Em torno da relação entre o *bullying* e a inscrição simbólica do desejo, uma parada se faz necessária. As *letras pretas*, aqui colocadas em *fundo branco*, são necessárias para um debate fértil; elas nos dão ensejo para (des)encantar uma prosa na canção de Calcanhoto. A artista denega uma série de objetos cultuados pela cultura e civilização, mas há ali uma Lei sentenciada: ela diz *não gostar de maus tratos*. Mas, contraditoriamente, a fome,

e o desejo me tentam a pensar que há, nos buracos por ela evocados, algo que precisa ser tamponado, uma angústia que não pode ser simbolizada, mas que faz deferência a não gostar dos maus tratos, anunciando uma alvorada, crepúsculo matinal ao som de foguetes e Matraca⁶.

Possivelmente o estandarte simbolizado seja a tela já sem cheiro de tintas. De forma escópica, o passante olha, engrossa as fileiras de homens e mulheres, e um canto puxado pelas mulheres entoa a canção do cantador: *Ainda vai levar um tempo pra fechar o que feriu por dentro...*

Referências

- CALCANHOTO, A. *Senhas*.
- CALHAU, L. B. **Bullying: o que você precisa saber**: Identificação, prevenção e repressão. Rio de Janeiro: Ímpetos, 2010.
- DEBORT, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas. Campinas: Versus editora, 2005.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. **Projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1895
- _____. **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar**. Rio de Janeiro: Imago, 1914.
- GUIMARAES, M. S. **A violência na escola pensada à luz da Psicanálise**: interseções entre as falas de professores e alunos no cotidiano de uma escola pública. Rio de Janeiro: 2006. Dissertação de Mestrado.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

⁶ Instrumento de madeira com tabuletas movediças que, agitadas, provocam ruído (ver: LUFT, 1990, p. 305).

KUPFER, M. C. Violência da educação ou educação violenta? In: LEVISK, David Léo (org.). **Adolescência pelos caminhos da violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LACAN, J. **O Seminário 4**. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956-57.

_____. **O Seminário 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **O Seminário 8**. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUCERO, A. VORCARO, A. Das Ding e o outro na constituição psíquica. In: **Estilos na Clínica**. São Paulo, IPUSO, vol. 1, 1996.

LUFT, C.P. **Dicionário da língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1990.

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SILVA, A. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ORNELLAS, S. O. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2006.